

MENSURAÇÃO DA FELICIDADE DE ACADÊMICOS DE UMA IES DO INTERIOR DE SANTA CATARINA

Gustavo Borges - gustavodarosaborges@gmail.com
Adriana Kriek Constante - adrianaconstant@gmail.com
Marialva Tomio Dreher - marialva@furb.br

* Submissão em: 14/12/2015 | Aceito em: 02/08/2016

RESUMO

O presente artigo buscou medir o índice de felicidade de estudantes de uma IES do interior de Santa Catarina. Para tanto, foi realizada uma *survey* com 95 alunos. Após o procedimento de coleta e tratamentos estatísticos, verificou-se que acadêmicos estão felizes e que não há diferenças estatísticas de níveis de felicidade em relação ao gênero, a renda, a faixa etária e a ocupação. No entanto, perceberam-se diferenças estatísticas em relação ao estado civil, sendo que solteiros são considerados mais felizes. Outras verificações sobre felicidade foram apontadas e apreciadas no artigo.

Palavras-Chave: Felicidade. Acadêmicos. Perfil.

MEASUREMENT OF ACADEMIC OF HAPPINESS OF A IES INTERIOR OF SANTA CATARINA

ABSTRACT

This paper aims to measure the happiness index of students from a university in the interior of Santa Catarina. To do so, a survey with 95 students was held. After the procedure of collection and statistical procedures, it found that academics are happy and that there is no statistical difference in happiness levels in relation to gender, income, age and occupation. However, it was observed statistical differences in relation to marital status, and singles are considered happier. Other findings on happiness have been identified and assessed in the article.

Keywords: Happiness; academics; Profile.

1. INTRODUÇÃO

No amplo debate sobre o que constitui uma “boa vida”, duas qualidades tem sido destacadas na literatura: felicidade e significado da vida (BAUER; MCADAMS; SAKAEDA, 2005), sendo a primeira, foco de análise do presente estudo. Cabe ressaltar inicialmente, que as pessoas possuem necessidades básicas que cotidianamente buscam atendê-las; no entanto, elas querem não somente satisfazer tais imperativos, mas também, serem felizes (BOTO, 2001; CORBI; MENEZES-FILHO, 2006).

“Discutir a felicidade significa refletir sobre o que é importante na vida” (GIANNETTI, 2002, p. 183). Esta busca pelo que é importante faz parte de uma análise subjetiva que cada pessoa reflete em relação a objetivos e valores, uma vez que a felicidade é subjetiva e vinculada à personalidade e postura com relação à vida. Trata-se de uma percepção muito particular de cada um (FERRAZ; TAVARES; ZILBERMAN, 2007).

De acordo com Boto (2001), a felicidade é vista como uma sensação que envolve sentimentos pessoais e sociais. Franciscatti (2002) ressalta que alcançá-la faz parte da superação da autoconservação, visto que pessoas buscam ser felizes e terem uma vida social harmônica. Claramente as pessoas querem ser felizes, no presente e para a vida toda, visto que em geral, buscam ter uma vida de qualidade. A felicidade como precursora da qualidade de vida é uma visão complexa e difícil sob o ponto de vista ocidental (KING e NAPA, 1998).

A felicidade também é vista como um bem-estar subjetivo, no qual as pessoas querem fazer coisas no qual se sintam bem (ARRINDELLA; VEENHOVEN, 2002; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2010; PAIS-RIBEIRO, 2012). É importante que as pessoas passem por momentos felizes para terem uma vida boa (HILLS; ARGYLE, 2001), já que a felicidade contribui para a percepção de uma vida com qualidade (KING; NAPA, 1998; DUFFY et al., 2013).

Em relação a sua mensuração, algumas escalas já foram criadas para medi-la e alguns importantes resultados já foram visualizados. No Brasil, por exemplo, há pesquisas que afirmam que, em geral, brasileiros são felizes (CORBI; MENEZES-FILHO, 2006). No campo das academias e seus sujeitos, Monteiro, Tavares e Pereira (2012) estudaram a felicidade de estudantes universitários, no qual percebeu-se que eles estão em constantes ameaças sobre a sua felicidade e bem-estar. Em relação às ameaças, verifica-se que o consumo exagerado do álcool, drogas, sexualidade sem proteção, problemas de ansiedade, exigência com o corpo ideal, problemas alimentares, entre outros, influenciam diretamente na vulnerabilidade destes indivíduos, contribuindo muitas vezes para que se sintam menos felizes (COSTELA; COSTELA, 2006).

Analisando a problemática e buscando ampliar o conhecimento sobre a felicidade, em especial nesta pesquisa sobre os acadêmicos de uma Instituição de Ensino Superior (IES) do município de Blumenau, SC, procurou-se responder a seguinte questão que motivou o interesse por uma maior compreensão sobre o tema: **alunos de uma IES brasileira sentem-se felizes?** Esta indagação foi inspirada pelos posicionamentos de Scorsolini-Comin e Santos (2010), ao afirmarem que um elevado nível de escolaridade tende a refletir em uma alta felicidade. Portanto, acredita-se que estudantes acadêmicos de uma IES estarão satisfeitos. A resposta para esta questão permeia a avaliação da felicidade, onde outros objetivos foram definidos e respondidos ao final, os quais buscam explorar aspectos pessoais dos pesquisados, como: gênero, renda, faixa-etária, ocupação e estado civil. A importância de explorar os objetivos definidos reforça-se ao considerar o estudo de Ferraz, Tavares e Zilberman (2007), os quais defendem que é importante ampliar o entendimento mais profundo sobre a felicidade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Camfield e Skevington (2008, p. 768) mencionam que “desde Aristóteles, a felicidade tem sido vista como um objetivo universal que é apropriado e atingível”. Giannetti (2002, p. 124) apresenta o conceito da felicidade de acordo com Freud, analisando-a como sendo “a gratificação ulterior de um desejo pré-histórico”. Trata-se de um desejo pessoal que leva em conta uma análise subjetiva da pessoa querer ser algo. Conforme descreve Franciscatti (2002), alcançar a felicidade faz parte da superação da autoconservação. Para Scalco, Araújo, Bastos (2011) a felicidade foi definida como o nível no qual o indivíduo percebe positivamente a qualidade em sua vida com medição temporal do presente momento da análise. Felicidade tem a ver com coisas boas, mas não necessariamente com a alegria, já que uma pessoa pode estar alegre e não feliz, visto que a felicidade é mais ampla (BROWN et al., 2011).

Scorsolini-Comin e Santos (2010) afirmam que o conceito de felicidade pode ser traduzido como estado de bem-estar subjetivo. O “bem-estar consiste basicamente na forma como ocorre uma avaliação interpretativa de uma subjetividade pessoal de si ou de outros” (BAUER; MCADAMS; SAKAEDA, 2005, p. 203). Em outras palavras, é uma avaliação que pessoas fazem imaginando o quão o indivíduo está ou não bem; uma forma interpretavista de analisar um contexto, conforme reiterado pelos mesmos autores.

De acordo com Pais-Ribeiro (2012), a felicidade possui uma semelhança ao bem-estar subjetivo e tornou-se um fator de estudo para a psicologia. Além de Pais-Ribeiro (2012), Corbi e

Menezes-Filho (2006), Costela e Costela (2006) e Scorsolini-Comin e Santos (2010) também relacionam a felicidade com o bem-estar. Um bem-estar elevado faz com que as pessoas se sintam melhores (CERVINKA; RÖDERER; HEFLER, 2011). O bem-estar subjetivo é dependente da satisfação de exigências relativas à saúde, paz, amizades, amor, dinheiro, família, trabalho, realizações, religiosidade e educação (COSTELA; COSTELA, 2006). Ele também pode ser relacionado com a expectativa de vida feliz (ARRINDELLA; VEENHOVEN, 2002), fazendo com que as pessoas melhor reflitam a sua existência (KING et al., 2006).

Uma reflexão existencial muitas vezes passa por uma análise da religiosidade (KING; NAPA, 1998; CORBI; MENEZES-FILHO, 2006). A fé em Deus é uma crença que faz parte da vida dos estudantes e permeia o seu cotidiano (COSTELA; COSTELA, 2006; KING et al., 2006; MOSKOWITZ et al., 2012).

Além do bem-estar e da religião, a alegria (CHEN, 2010) e o bom-humor (FORGAS, 1998) também têm relação direta com a felicidade. Ademais, para as pessoas sentirem-se felizes, precisam: ter uma boa saúde (FERRAZ; TAVARES; ZILBERMAN, 2007; ANGNER et al., 2009), ter um significado de vida (KING; NAPA, 1998), seguir uma vocação (DUFFY et al., 2013), pensar positivamente (KOO et al., 2008), afeto positivo (KING et al., 2006), obter maior contato com a natureza (CERVINKA; RÖDERER; HEFLER, 2011) e até mesmo escutar músicas alegres (JEONG et al., 2010).

No entanto, a similaridade da felicidade com o bem-estar é contestada. Camfield e Skevington (2008) argumentam que outros autores entendem a felicidade como algo semelhante ao bem-estar; no entanto, os mesmos autores citados criticam esta posição, e demonstram que se a felicidade fosse um substantivo de bem-estar, pessoas vivendo em estado de pobreza dificilmente seriam felizes. Ademais, eles reforçam que a felicidade não pode estar associada ao bem-estar, visto que em países ricos, como os Estados Unidos, ocorrem muitos suicídios, teoricamente de pessoas que possuem um bem-estar, mas são infelizes. Ferraz, Tavares e Zilberman (2007) sugerem outras variáveis importantes para haver felicidade, são elas: amor, alegria, saciedade, prazer sexual, segurança. Raiva, nojo, medo, tristeza facilidade a angústia, sofrimento e assim contribuem para a diminuição da felicidade.

Cabe ressaltar que existem diversas variáveis socioambientais que influenciam o comportamento e o controle deste na vida das pessoas. Estas variáveis permeiam a residência do indivíduo e suas relações fora de casa, em especial na escola (GIBBONS et al., 2012). Em âmbito educacional, a preocupação com os estudos faz parte do pensamento dos acadêmicos, juntamente

com a sua felicidade, sendo que os mesmos buscam alcançar o seu diploma e terem uma vida boa no futuro (COSTELA; COSTELA, 2006).

Para os estudantes, a felicidade é relacionada com a imaginação e a criatividade (SAWAIA, 2003). Por este motivo, Costela e Costela (2006) destacam que estudantes costumam analisar, mesmo sem evidências científicas a sua felicidade. Os autores esclarecem que esta análise é perceptiva e subjetiva.

Buscando mensurar na prática a felicidade, Dela Coleta e Dela Coleta (2006) estudaram a felicidade entre os estudantes, e perceberam que a concepção de bem-estar passa prioritariamente pela satisfação de exigências relativas à saúde, paz, amizade, amor, dinheiro, família, trabalho, realizações, religiosidade e educação. Portanto, uma investigação da felicidade de estudantes, especialmente acadêmicos, torna-se relevante, principalmente buscando analisar aspectos pessoais que podem fazer com que os indivíduos se distingam.

Ferraz, Tavares e Zilberman (2007) reforçam a necessidade de um entendimento mais profundo sobre a felicidade, visto que ela é subjetiva e vinculada à personalidade. Portanto, o presente artigo buscou abordar um conjunto de aspectos pessoais que podem estar relacionados à felicidade, a saber:

a) Gênero. Diferentes pesquisas afirmam que, em geral, os homens são mais felizes que mulheres (CORBI; MENEZES-FILHO, 2006). Os mesmos autores verificaram que 17% dos homens consideram-se muito felizes, quanto 13% das mulheres possuem o mesmo sentimento. No entanto, quando em estado de desemprego, homens ficam menos satisfeitos que mulheres, isto se deve ao fato de que eles dão mais importância ao emprego que mulheres (LUHMANN; EID, 2009). Scalco, Araújo e Bastos (2011) verificaram da mesma forma, que normalmente mulheres tendem a ser menos felizes que homens.

Com base nos estudos de Hofstede (1980), que mediu a inclinação masculina ou feminina de algumas nações, Arrindella e Veenhoven (2002) perceberam que países no qual possuem inclinação feminina, há um maior índice de expectativa das pessoas terem uma vida feliz, sugerindo que aspectos feministas propicia uma percepção de felicidade superior. Analisando os aspectos pessoais por meio das evidências científicas estudadas na teoria, considerando os estudos dos primeiros autores mencionados, elaborou-se a primeira hipótese investigativa: **H1 – Homens são mais felizes que mulheres.**

b) Renda. A renda foi à próxima variável pesquisada, observa-se inicialmente, que uma boa vida, não deve ser facilmente avaliada pelas aparências, visto que o aumento de renda não necessariamente levará as pessoas a terem uma vida melhor (BAUER; MCADAMS; SAKAEDA, 2005). “O dinheiro pode ser considerado uma variável independente da felicidade” (KING; NAPA, 1998, p. 157). Esta afirmativa sustenta os achados de Giannetti (2002), o qual menciona que embora haja uma relação entre renda e felicidade, seus estudos demonstraram que o aumento da renda não necessariamente ocasiona o aumento do bem-estar subjetivo e da felicidade. Para o autor, um exemplo pode ser os Estados Unidos, no qual em certo momento houve um crescimento de renda média da população em 43% e a felicidade em geral, praticamente não cresceu.

Por outro lado, pessoas com mais dinheiro tendem a ser mais felizes, no entanto, esta relação não é direta. Ou seja, a condição econômica pode sim contribuir para as pessoas sentirem-se mais felizes, no entanto, não é o único fator influenciador. O ponto chave é que pessoas com mais dinheiro, possuem mais condições financeiras de alcançar seus desejos, sendo que este último é que resulta em felicidade (CORBI; MENEZES-FILHO, 2006).

Gibbons et al. (2012) descobriram em um estudo com jovens Africanos negros, que um alto nível de estresse tem uma relação direta com a pobreza. Neste sentido, entende-se que a baixa renda pode atrapalhar o sentimento de felicidade, visto a existência de uma maior limitação e acesso aos bens necessários à vida humana. Um dos motivos que mais causa estresse é a dificuldade financeira (LUHMANN; EID, 2009). Com base nos estudos de Hofstede (1980), Arrindella e Veenhoven (2002) observaram que em países ricos, os índices de felicidade subjetiva da população superam aos países mais pobres.

Para Corbi e Menezes (2006), a maioria dos economistas considera o fator de renda elevada como nível maior de felicidade, ou seja, ao elevar-se a sua renda o indivíduo expande suas oportunidades, facilitando o acesso aos bens e serviços. No entanto, quanto mais pobre for à pessoa, maior tende a ser o seu estado de infelicidade (ANGNER et al., 2009), visto que pessoas de classe econômica mais favoráveis, tendem a ser mais felizes (SCALCO; ARAÚJO; BASTOS, 2011).

King e Napa (1998) observaram que a afirmação de que uma vida com mais riqueza propicia uma sensação de felicidade maior que uma vida com pobreza se aplica ao senso comum; no entanto, estudantes tendem a dar mais valor a outras variáveis que podem levá-los à felicidade. Não desconsiderando a importância de outras variáveis, mas buscando compreender uma relação da renda com a felicidade, elaborou-se a seguinte afirmação: **H2 – Pessoas com maior renda são mais felizes.**

c) Faixa Etária. A felicidade também se relaciona com a faixa-etária das pessoas, em geral, há uma sensação de no futuro haverá mais felicidade que no passado (CORBI; MENEZES-FILHO, 2006). A idade não diminui a intensidade subjetiva de emoções positivas ou negativas na vida cotidiana. No entanto, pessoas com mais idade frequentam menos experiências negativas que pessoas mais novas, onde na vida adulta as experiências negativas são mais intensas (CARSTENSEN et al., 2000).

Fujita e Diener (2005) esclarecem que as pessoas tendem a ter uma variação da sua satisfação com a vida a cada 5 anos, e a tendência é uma estabilização com o passar do tempo. Bauer; McAdams e Sakaeda (2005) observaram que pessoas mais velhas são mais maduras e com isto, possuem um maior bem-estar.

Por outro lado, Luhmann e Eid (2009) perceberam na literatura que pessoas com idade mais avançada têm maior probabilidade de serem mais felizes em comparação às mais novas, entretanto, seus achados apresentam um resultado inverso, especialmente em pessoas mais velhas que perderam seus empregos.

Acreditando que pessoas de mais idade são mais felizes, criou-se a terceira hipótese: **H3 – Pessoas de mais idade são mais felizes.**

d) Ocupação. Corbi e Menezes (2006) afirmam que em variados países ocidentais a renda elevou-se a partir da Segunda Guerra Mundial, porém por mais que as medidas indicam bem-estar subjetivo permaneceu equilibrado ou até mesmo teve pequenas quedas. Apesar de o trabalho ser visto por muitos como um fardo, quando perdem o emprego diminui o nível de felicidade dos indivíduos. Pessoas desempregadas tendem a ser menos felizes (SCALCO; ARAÚJO; BASTOS, 2011). A satisfação com a vida tende a diminuir se as pessoas estiverem desempregadas (LUHMANN; EID, 2007). No Brasil, de forma mais geral, as pessoas empregadas ou aposentadas têm maior probabilidade de serem felizes do que as que perderam seus empregos (CORBI; MENEZES-FILHO, 2006).

Tais afirmações estimulam a elaboração da seguinte hipótese: **H4 - Pessoas que estão trabalhando são mais felizes.**

e) Estado Civil. O Estado-civil foi outra investigação realizada. Em geral, casados tendem a ser mais felizes do que pessoas solteiros, divorciados ou viúvos (CORBI; MENEZES-FILHO,

2006). “No Brasil, os casados têm cerca de 50% a mais de chance de serem muito felizes que os solteiros” (CORBI; MENEZES-FILHO, 2006, p. 534). King e Napa (1998) já enfatizavam esta relação, mencionando que pessoas casadas são mais felizes que as solteiras.

Fujita e Diener (2005) perceberam que pessoas casadas tendem a ter uma leve inclinação na sua satisfação com a vida. Portanto, pessoas viúvas ou separadas tendem a ser menos felizes (SCALCO; ARAÚJO; BASTOS, 2011). Assim sendo, chega-se a definição da última hipótese testada: **H5 - Casados são mais felizes.**

Salienta-se que as cinco hipóteses definidas para esta pesquisa foram testadas através da realização da pesquisa empírica, a seguir detalhada.

3. MÉTODO

A abordagem desta pesquisa é quantitativa e a metodologia utilizada foi a pesquisa descritiva, realizadas por meio de uma pesquisa do tipo *survey* junto aos alunos de uma IES do município de Blumenau, SC, sendo este o universo de pesquisa. Inicialmente foi realizado um pré-teste com 15 alunos do mestrado em Administração da FURB, já que o instrumento de mensuração da felicidade de Proctor; Linley e Maltby (2010) foi adaptado ao contexto nacional, e, portanto, precisava ser testado. O pré-teste confirmou o entendimento das questões, visto que o conjunto de 15 perguntas que mensurou a felicidade foi bem compreendido pelos participantes. Uma semana depois, entre os dias 03 e 15 de julho de 2013, 150 alunos de graduação do curso de Processos Gerenciais de uma IES do interior de Santa Catarina foram convidados a participar da coleta dos dados para o desenvolvimento da pesquisa. Destes, 95 preencheram responderam o questionário disponível via *Google Docs*, resultando em uma taxa de retorno de 63,33%.

Estes 95 alunos representam o universo de alunos de Processos Gerenciais. O tamanho da amostra é amparado pela indicação de Hair Jr. et al. (2005). Os mesmos autores recomendam amostras superiores a 5 respondentes por questão. Tendo em vista que a escala adotada tem 15 itens, sugere-se assim um mínimo de 75 respondentes, onde conseguiu-se o dobro do limite mínimo recomendado.

Os 15 itens que mensuram a felicidade foram respondidos de acordo com a mesma escala utilizada por Proctor; Linley e Maltby (2010): 1 - discordo totalmente, 2 - Discordo moderadamente, 3 - Discordo ligeiramente, 4 - Concordo ligeiramente, 5 - Concordo moderadamente e 6 - Concordo totalmente.

Após o procedimento de coleta, os dados foram tabulados no SPSS 17,0. Utilizou-se em primeiro momento Análise Fatorial Exploratória e seus respectivos testes de validação e confiabilidade no sentido de verificar se os 15 itens da escala original poderiam representar com segurança a felicidade no Brasil. Na sequência, utilizou-se a técnica de Teste-T e ANOVA com intuito de verificar diferenças estatísticas da felicidade com aspectos pessoais pesquisados.

4. RESULTADOS

Primeiramente analisou-se um perfil dos respondentes, sendo que do total da amostra (95 alunos), 63% eram do sexo feminino e 37% do sexo masculino. Do total, 28% tinham entre 22 e 26 anos, 22% acima de 36 anos, 18% de 32 a 36 anos, 17% entre 27 a 31 anos e 15% de 16 a 21 anos.

Em relação à renda familiar, 33% possuíam renda familiar entre 3 e 5 salários, 27% acima de 7 salários, 23% com rendimento familiar até 3 salários e 17% entre 5 e 7 salários. Verificou-se ainda, que 52% ocupavam cargos operacionais, 32% cargos de supervisão, 5% alta gerência, 3% proprietários de empresa e 8% não estava trabalhando. Por fim, percebeu-se que existiam 48% de pessoas casadas, 40% solteiros e 12% possuíam outros estados civis.

Juntamente com as 15 perguntas que mensuram a felicidade, colocou-se uma pergunta aberta onde os respondentes foram convidados a opinar sobre a felicidade. Em relação a estes resultados, chama à atenção a questão da família (em primeiro lugar) e da religião (em segundo lugar) como considerações importantes sobre a felicidade. A importância da família sobre a felicidade de estudantes já havia sido pesquisada por Dela Coleta e Dela Coleta (2006) e importância da religião foi demonstrada por King e Napa (1998), Corbi e Menezes-Filho (2006), Costela e Costela (2006), King et al. (2006) e Moskowitz et al. (2012).

Neste caso, sugere-se que a relação com a religião e a relação com a família também façam parte da mensuração da felicidade, já que os alunos participantes da pesquisa informaram que estes aspectos também são relevantes.

Para analisar a confiabilidade dos 15 itens utilizados para medir a felicidade, realizou-se o teste de confiabilidade (*Alpha de Cronbach*), o qual resultou em 0,795, considerado um bom resultado de confiabilidade de acordo com Hair Jr. et al. (2005), o que demonstra que os 15 itens podem representar o construto. Chama a atenção, que foi realizada uma análise fatorial exploratória no sentido de verificar se havia multidimensionalidade na escala original, os resultados agruparam os 15 itens em um mesmo construto, confirmando a unidimensionalidade da escala, seguindo a validação de Proctor; Linley e Maltby (2010). A unidimensionalidade ocorreu tanto na rotação

varimax como na oblimim. As cargas fatoriais e o KMO foram considerados bons, todos acima de 0,7, conforme assim considerado por Hair Jr. et al. (2005).

A seguir, analisou-se o desempenho dos itens representativos da felicidade e o desempenho geral do construto (Tabela 1).

Tabela 1: Média, desvio padrão, assimetria e curtose dos itens.

Itens de mensuração da felicidade	Média	Desvio padrão	Assimetria		Curtose	
			Estatística	Modelo padrão	Estatística	Modelo padrão
A educação é importante para mim	5,84	0,395	-2,423	0,247	5,374	0,490
Eu sou grato (a) pela vida que tenho	5,64	0,683	-2,477	0,247	8,211	0,490
Minha vida tem sentido	5,62	0,687	-1,757	0,247	2,320	0,490
Eu tenho um bom relacionamento com meus pais	5,52	0,823	-2,504	0,247	9,188	0,490
Gosto de ajudar os outros	5,36	0,713	-0,830	0,247	0,114	0,490
Pretendo dar continuidade aos meus estudos após finalizar o curso atual	5,23	1,115	-1,696	0,247	2,683	0,490
Tenho definido meus objetivos de vida, os quais quero alcançar	5,15	1,101	-1,862	0,247	3,909	0,490
Sinto-me bem comigo mesmo (a)	5,09	1,013	-1,411	0,251	1,757	0,498
Sinto-me feliz a maior parte do tempo	4,98	1,041	-1,631	0,247	3,181	0,490
Gosto da instituição que estudo atualmente	4,81	1,104	-1,358	0,247	1,768	0,490
Faço amigos com facilidade	4,77	1,233	-1,076	0,247	0,797	0,490
Estou indo bem nos estudos	4,71	1,157	-1,759	0,247	3,217	0,490
Poucas vezes me sinto triste e chateado (a)	4,52	1,254	-1,062	0,247	0,831	0,490
Meus amigos não me causam nenhum estresse	4,27	1,519	-0,533	0,247	-0,972	0,490
Sou popular na minha instituição de ensino/classe	3,27	1,672	-0,167	0,247	-1,443	0,490
Média Geral	4,99	-	-	-	-	-

A Tabela 1 ilustra a média, desvio padrão, assimetria e curtose dos itens. Pela análise das médias, observa-se que o item mais bem avaliado foi “a educação é importante para mim”. Este

item possivelmente foi o mais bem avaliado pelo fato do estudo ter sido realizado com alunos; o que evidência o quanto a educação é relevante.

O item com menor avaliação foi “sou popular na minha instituição de ensino/classe”. Este resultado demonstra que a princípio, este fator não contribui para expressa a felicidade de alunos, ou os pesquisados não sentem-se populares.

A média geral foi de 4,99, quase 5. Tendo em vista que o valor 5 na escala refere-se a “concordo moderadamente”, subentende-se que os alunos pesquisados sentem-se moderadamente satisfeitos.

Também é possível analisar a assimetria e curtose dos itens. De acordo com Kline (2011) a assimetria deve ser acima de 3 e curtose acima de 10. Estes índices indicam que os dados são normais (paramétricos), pré-requisito para a utilização de testes paramétricos, como Teste-T e ANOVA, aqui utilizado.

Após confirmar a normalidade dos itens, , utilizou-se Teste-T e ANOVA para analisar diferenças estatísticas de todos os 15 itens que representam a felicidade em relação ao gênero, renda, faixa-etária, ocupação e estado-civil dos pesquisados. Este procedimento foi determinante para comparar a felicidade com a característica dos participantes. Em relação ao gênero, apenas um item apresentou diferença estatística (sig. 0,014): “*meus amigos não me causam nenhum estresse*”. Homens apresentaram uma média de 4,77 e mulheres de 3,98. Isto quer dizer que amigos de homens causam menos estresse que amigos de mulheres.

Na renda, novamente um item apresentou diferença estatística (sig. 0,014): “*a educação é importante para mim*”. Todas as camadas de renda consideram a educação extremamente importante (médias acima de 5,6), no entanto, pessoas com renda familiar entre 3 e 5 salários avaliaram a educação com as menores médias (5,7).

No que diz respeito à faixa-etária, mais uma vez um item dos 15, apresentou diferença estatística (sig. 0,027): “*tenho definido meus objetivos de vida, os quais quero alcançar*”. Estudantes acima de 36 anos apresentaram médias mais altas (5,52) e as menores médias ficaram com pessoas 27 a 31 anos (4,38). Os resultados demonstram que pessoas mais velhas têm definido mais seus objetivos de vida.

Sobre a ocupação dos respondentes, novamente um item apresentou diferença estatística (sig. 0,002): “*meus amigos não me causam nenhum estresse*”. Os amigos dos supervisores não tem causado estresse aos mesmos (média de 4,7), no entanto, os amigos de desempregados (média de 2,88) e de proprietários de empresas (média de 2,33) tem causado estresse aos mesmos.

Por fim, analisou-se a diferença da felicidade de acordo com o estado civil. Percebeu-se que houveram duas diferenças estatisticamente confirmadas: “*sou grato pela vida que tenho*” (sig. 0,043) e “*a educação é importante para mim*” (sig. 0,009). Solteiros são mais gratos pela vida (média de 5,80) do que casados (média de 5,44) e casados consideram a educação mais importante (média de 5,92) do que outros (média de 5,50).

Na sequência, novamente utilizou-se Teste-T e ANOVA para fazer uma análise de diferença, só que não de cada item, mas de todo o construto (felicidade). Para este teste, agruparam-se no SPSS os itens, no sentido de informar que eles representam a felicidade.

Para tanto, realizaram-se os testes em relação a cada aspecto pessoal investigado. Os resultados são apresentados na sequência.

Tabela 2: Análise da felicidade por gênero.

Gênero	Média	Desvio padrão	Sig.
Feminino	4,94	0,51	0,299
Masculino	5,06	0,59	

Fonte: autores (2013).

Os homens, nesta pesquisa, apresentam uma felicidade um pouco maior do que as mulheres, no entanto este índice não representa uma diferença estatística significativa (sig. > 0,05). Por isto, considera-se que há um equilíbrio quanto à felicidade em relação aos gêneros.

Tabela 3: Análise da felicidade por renda.

Gênero	Média	Desvio padrão	Sig.
Até 3 salários	4,83	0,67	0,489
De 3 a 5 salários	5,02	0,53	
De 5 a 7 salários	4,97	0,49	
Mais de 7 salários	5,07	0,47	

Fonte: autores (2013).

Pessoas com renda familiar acima de 7 salários estão mais felizes, no entanto, o crescimento do nível de felicidade não é linear e nem é significativo (sig. > 0,05). Deste modo, para os entrevistados, não há diferenças de felicidade entre os diferentes níveis de renda.

Tabela 4: Análise da felicidade por faixa-etária.

Gênero	Média	Desvio padrão	Sig.
De 16 a 21 anos	4,97	0,41	0,135
De 22 a 26 anos	4,96	0,53	
De 27 a 31 anos	4,70	0,88	
De 32 a 36 anos	5,13	0,33	
Mais de 36 anos	5,13	0,36	

Fonte: autores (2013).

Pessoas com mais idade demonstram uma felicidade maior, no entanto esta felicidade não é significativa (sig. > 0,05). Portanto, na questão da faixa-etária, os níveis de felicidade são equilibrados.

Tabela 5: Análise da felicidade por ocupação.

Gênero	Média	Desvio padrão	Sig.
Cargo operacional	5,04	0,52	0,590
Cargo de supervisão	4,98	0,53	
Cargo de alta gerência	5,04	0,28	
Proprietários de empresa	4,91	0,25	
Desempregados	4,69	0,88	

Fonte: autores (2013).

Pessoas com cargos operacionais e de alta gerência, embora em situações distintas em relação à hierarquia organizacional, eles possuem maior satisfação (sig. > 0,05). Todavia, percebe-se que o nível de felicidade é equitativo entre as pessoas de diferentes ocupações.

Tabela 6: Análise da felicidade por estado civil.

Gênero	Média	Desvio padrão	Sig.
Solteiro	5,15	0,43	0,014
Casado	4,84	0,62	
Outro	4,79	0,51	

Fonte: autores (2013).

Os pesquisados solteiros são mais felizes que os casados e pessoas com outros estados civis. A diferença apresentou significância (sig. < 0,05), o que confirma haver diferença estatística entre os grupos. Neste caso, pode-se afirmar que solteiros são mais felizes.

Quadro 1: Resultado dos testes de hipótese.

Aspectos pessoais	Resultado dos Testes	Resultado das hipóteses
Gênero	Sig. 0,299	<i>H1 não suportada</i>
Renda	Sig. 0,489	<i>H2 não suportada</i>
Faixa etária	Sig. 0,135	<i>H3 não suportada</i>
Ocupação	Sig. 0,590	<i>H4 não suportada</i>
Estado Civil	Sig. 0,014	<i>H5 não suportada</i>

Fonte: autores (2013).

Verificou-se que nenhuma das hipóteses testadas foi aceita, sendo que a hipótese 5, em relação ao estado civil, apresentou resultados diferentes ao esperado, e sua rejeição ocorreu porque ao contrário da teoria, solteiros demonstram índices de felicidade maior que os casados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos que abordam a temática da felicidade têm a intenção de provocar reflexões sobre o bem-estar social em diferentes situações da vida, entre elas no trabalho, na família e na academia. Assim sendo, ao verificar o nível de felicidade de estudantes acadêmicos, este estudo pretendeu ilustrar resultados que possam contribuir com debates entre os acadêmicos sobre um assunto importante tanto sobre o ponto de vista da produção, quanto do bem-estar, visto que o rendimento profissional, acadêmico e pessoal muitas vezes depende de como uma pessoa se sente.

Cabe ressaltar, que o presente estudo apresenta uma pesquisa sobre felicidade amparada pela escala de Proctor; Linley e Maltby (2010), sendo que o principal objetivo foi mensurar a felicidade de alunos de uma IES. Além da escala já mencionada, inseriu-se uma pergunta aberta buscando analisar uma reflexão sobre o entendimento da felicidade, onde percebeu-se que a família e a religião têm relação com a felicidade para alguns respondentes. Por fim, inseriram-se perguntas contendo aspectos pessoais, como: gênero, renda, faixa etária, ocupação e estado civil.

Após análise das respostas sobre a escala e a respectiva comparação com os aspectos pessoais, percebeu-se que em geral, os acadêmicos estão moderadamente felizes, sendo que a importância da educação, a gratidão pela vida e o sentido da vida foram os três itens que mais contribuíram para refletir a felicidade dos alunos. Percebeu-se ainda, que não há diferenças estatísticas de níveis de felicidade em relação ao gênero, a renda, a faixa etária, e a ocupação. O único que apresentou diferenças estatísticas foi o estado civil, sendo que alunos solteiros são considerados mais felizes. Conclui-se que o nível de felicidade investigado por este estudo é considerado bom entre os estudantes pesquisados. Este cenário é visto como propício para um ambiente educacional como representa a academia.

Como sugestão prática, recomenda-se que IES apreciem avaliações sobre a felicidade de seus estudantes, visto que um baixo nível de felicidade pode impactar em um rendimento acadêmico insatisfatório e até mesmo a desistência de um acadêmico pelo estudo.

Em termos de contribuição científica, verifica-se que estudantes de IES estão moderadamente felizes, e que, o que mais contribui para isto é a contribuição da educação, sugerindo que universitários de fato valorizam a educação no país. Contudo, descobre-se especialmente, que solteiros são mais felizes que casados; esta proposição até então, foi pouco discutida na teoria, sugerindo novos estudos que venham a confirmar tal situação, no sentido de buscar uma maior exploração sobre esta evidência.

Outro aspecto não encontrado na teoria foi a representação da religião e da família para a existência da felicidade. Assim sendo, acredita-se que a relação com a religião e a relação com os familiares influencie no nível de felicidade dos estudantes.

6. LIMITAÇÕES E SUGESTÕES

Em se tratando de uma *survey* realizada em uma instituição de ensino superior, cabe ressaltar que os resultados aqui encontrados limitam-se não somente à instituição de ensino que serviu como acesso aos dados, mas também ao curso no qual serviu como estudo de campo. Outra limitação é o fato das entrevistas terem sido realizadas de modo on-line. Mesmo havendo uma considerada taxa de retorno, estudos que necessitam de ferramentas, como o computador e o acesso à internet, nem sempre possuem a mesma eficácia que pesquisas de modo físico. Por fim, os resultados da pesquisa sobre a felicidade limitou-se ao instrumento de coleta utilizado, mesmo ele sendo um instrumento já validado, não é o único que mede a felicidade, assim sendo, outros instrumentos podem reproduzir diferentes resultados.

As limitações aqui apresentadas não diminuem a importância da pesquisa, em obstante, contribuem para uma lacuna ainda incipiente no Brasil, que é uma amplitude de estudos sobre a felicidade de acadêmicos.

Como sugestão, aconselham-se estudos similares em outras localidades e cursos. A felicidade também pode ser medida em demais níveis de escolaridade ainda pouco explorados em relação ao tema, como cursos de pós-graduação. Também seria interessante relacionar a felicidade com outros aspectos pessoais, não somente gênero, renda, ocupação, faixa-etária e estado civil. Uma possibilidade poderia ser a religião e o tamanho da família, aspectos elencados como importantes na única pergunta aberta que explorava o tema.

Por fim, outro fato instigante foi analisar que alunos solteiros são mais felizes que casados; sendo relevante, constatar o porquê isto ocorre. Seria fruto das relações joviais que se tem em sala de aula ou de fato há um relativo nível de frustrações nas relações? Outras justificativas poderiam ser apontadas, justificando assim, a necessidade de estudos que revelassem por que alunos solteiros sentem-se mais felizes que casados.

REFERÊNCIAS

- ANGNER, Erik et al. *Health and Happiness among Older Adults: A Community-based Study*. **Journal of Health Psychology**, v. 14, n. 4, 2009; p. 502-512.
- ARRINDELL, W.A. e VEENHOVEN, R. *Feminine values and happy life-expectancy in nations*. **Personality and Individual Differences**, n. 33, 2002; p. 803-813.
- BAUER, Jack J.; MCADAMS, Dan P. e SAKAEDA, April R. *Interpreting the Good Life: Growth Memories in the Lives of Mature, Happy People*. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 88, n. 1, 2005; p.203-217.
- BOTO, Carlota. *Ética e Educação Clássica: virtude e felicidade no justo meio*. **Educação & Sociedade**, ano XXII, n. 76, Outubro/2001; p. 121-46.
- BROOKS, Rachel. *Negotiating Time and Space for Study: Student-parents and Familial Relationships*. **Sociology**, p. 443-459. 2012.
- BROWN, Christina M. et al. *Alone and happy: Personality moderates the effect of happy mood on social approach*. **Journal of Research in Personality**, v. 45, 2011; p. 702-705.
- CAMFIELD, Laura e SKEVINGTON, Suzanne M. *On Subjective Well-being and Quality of Life*. **Journal of Health Psychology**, v. 13, n. 6, 2008; p. 764-775.
- CARSTENSEN, Laura L. et al. *Emotional Experience in Everyday Life Across the Adult Life Span*. **Journal of Personality and Social Psychology**, v 79, n. 4, 2000; p. 644-655.
- CERVINKA, Renate; RÖDERER, Kathrin e HEFLER, Elisabeth. *Are nature lovers happy? On various indicators of well-being and connectedness with nature*. **Journal of Health Psychology**, v. 17, n. 3, 2011; p. 379-388.
- CHEN, Guo-Hai. *Validating the Orientations to Happiness Scale in a Chinese Sample of University Students*. **Science+Business**, p. 431-442. 2010.
- CORBI, Raphael B. MENEZES, Naércio A. *Os Determinantes Empíricos da Felicidade no Brasil*. **Revista de Economia Política**, v.26, n.4, p. 518-536, out/dez. 2006.

- COSTELA e COSTELA. *Felicidade, Bem-estar Subjetivo e Comportamento Acadêmico de Estudantes Universitários*. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 533-539, set./dez. 2006.
- DELA COLETA, José A.; DELA COLETA, Marília F. *Felicidade, Bem-estar Subjetivo e Comportamento Acadêmico de Estudantes Universitários*. **Psicologia Estudantil**, Maringá, v.11, n.3, p. 533-539, set./dez. 2006.
- DUFFY, Ryan D. et al. *Calling and Life Satisfaction: It's Not About Having It, It's About Living It*. **Journal of Counseling Psychology**, v. 60, n. 1, 2013; p. 42-52.
- FERRAZ, B. Renata; TAVARES, Hermano; ZILBERMAN, L. Monica. *Felicidade: uma Revisão*. **Revista Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 34, n.5, p.234-242, 2007.
- FORGAS, Joseph. *On Being Happy and Mistaken: Mood Effects on the Fundamental Attribution Error*. **Journal of Personality and Social Psychology**, New South Wales, v.75, n.2, p. 318-331. 1998.
- FRANCISCATTI, Katy V. S. *A Felicidade na Liberdade ou a Felicidade na ausência de liberdade*. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 123-140, jan./jun.2002.
- FUJITA, Frank e DIENER, Ed. *Life Satisfaction Set Point: Stability and Change*. **Journal of Personality and Social Psychology**; v. 88, n. 1, 2005; p. 158-164.
- GIANETTI, Eduardo. **Felicidade: diálogos sobre o bem-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GIBBONS, Frederick X. *The Impact of Stress on the Life History Strategies of African American Adolescents: Cognitions, Genetic Moderation, and the Role of Discrimination*. **Developmental Psychology**, v. 48, n. 3, 2012; p. 722-739.
- HAIR Jr, Joseph F. et al. **Análise Multivariada de Dados**. 5ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- HILLS, Peter.; ARGYLE, Michael. *The Oxford Happiness Questionnaire: a Compact Scale for the Measurement of Psychological Well-being*. **Personality and Individual Differences**, Oxford, p. 1073-1082. 2002.
- JEONG, Jeong-Won; DIWADKAR, Vaibhav; CHUGANI, Carla; SINSONGSUD, Piti; MUZIK, Otto; BEHEM, Michael; CHUGANI, Harry; CHUGANI, Diani. *Congruence of happy and sad emotion in music and faces modifies cortical audiovisual activation*. **Neuroimage**, USA, 2011; p. 2973-2982.
- KING, Laura A. e NAPA, Christie K. *What Makes a Life Good?* **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 75, n. 1, 1998; p. 156-165.
- KING, Laura A. et al. *Positive Affect and the Experience of Meaning in Life*. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 90, n. 1, 2006; p. 179-196.
- KLING, Rex B. **Principles and Practice of Structural Equation Modeling**. 3ª ed. New York: The Guilford Press, 2011.
- KOO, Minkyung et al. *It's a Wonderful Life: Mentally Subtracting Positive Events Improves People's Affective States, Contrary to Their Affective Forecasts*. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 95, n 5, 2008; p. 1217-1224.
- LUHMANN, Maike e EID, Michael. *Does It Really Feel the Same? Changes in Life Satisfaction Following Repeated Life Events*. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 97, n. 2, 2007; p. 363-381.
- MONTEIRO, Sara; TAVARES, Jose; PEREIRA, Anabela. *Adaptação portuguesa da escala de medida de manifestação de bem-estar psicológico com estudantes universitários- EMMBEP*. **Psicologia, Saúde & Doenças**. Lisboa, v. 13, n.1, p.66-77, 2012.
- MOSKOWITZ, Judith Tedlie et al. *A positive affect intervention for people experiencing health-related stress: Development and non-randomized pilot test*. **Journal of Health Psychology**, v. 17, n, 5, 2012; p. 676-692.

PAIS-RIBEIRO, J. L. *Validação Transcultural da Escala de Felicidade Subjetiva de Lyubomirsky e Lepper*. **Psicologia, Saúde & Doenças**. Lisboa, v.13, n.2, p. 157-168, 2012.

PROCTOR, Carmel; LINLEY, P. Alex e MALTBY, John. *Very Happy Youths: Benefits of Very High Life Satisfaction Among Adolescents*. **Soc Indic Res**, v. 98, 2010; p. 519–532.

SAWAIA, Bader Burihan. *Fome de Felicidade*. 2003 p. 53-64. **In.:** SAWAIA, Bader Burihan et al. **Muitos Lugares para Aprender**. São Paulo: CENPEC / Fundação Itaú Social / Unicef, 2003.

SCALDO, L. Diogo; ARAÚJO L. Cora; BASTOS, L. João. *Autopercepção de Felicidade e Fatores Associados em Adultos de uma Cidade do Sul do Brasil: Estudo de Base Populacional*. **Psicologia Reflexiva Crítica**, Porto Alegre, v.24 n.4, p.648-657, 2011.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel A. dos. *O Estudo Científico da Felicidade e a Promoção da Saúde: Revisão Integrativa da Literatura*. **Latino Americana Enfermagem**, On line, v.18, n.3, p. 472-479, 2010.